

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO

Centro de Ciências Humanas

Departamento de Didática

Curso de Especialização - Formação do Docente Universitário

O ENFERMEIRO E O MAGISTÉRIO

Da Dogmatização à Desdogmatização dos Paradigmas

por

Maria Camello de Paiva

Monografia do Projeto de Pesquisa
para cumprimento de exigência do
Curso de Docente Universitário.

Professor: Adilson Florentino

Data: 12/01/99

Criado em: 12/01/99 Rio de Janeiro

Janeiro de 1999

Todos somos curiosos.

Graças à curiosidade, há pesquisa e descobridores. Eles descem ao fundo das verdades e trazem benefícios à humanidade.

A curiosidade pode ser a chave para abrir as portas, quando se diz: "feliz é aquele que sabe transmitir algo que pode tornar-se importante para outros".

"Pois a vida é uma contínua lição. Somos sempre alunos e nunca nos formamos. As vitórias são pequenos atestados do que aprendemos. A felicidade é o diploma final de que aprendemos bem as lições".

AGRADECIMENTOS

- Ao professor ADILSON FLORENTINO que direta e indiretamente contribuiu para a elaboração da pesquisa.
- Aos demais professores da Corpo Docente do Curso de Pós-Graduação de Formação de Docente Universitário, pelo incentivo.

SUMÁRIO

	Página
I. INTRODUÇÃO	01
II. AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DOS PARADIGMAS DO CONHECIMENTO.....	05
2.1. As Teorias Crítico Reprodutivistas.....	07
2.2. Ideologia	09
2.3. Dialética.....	10
2.4. A função social do intelectual orgânico na educação.....	11
III. DESENVOLVIMENTO DA HISTÓRIA DO ENSINO DA ENFERMAGEM NO BRASIL.....	13
3.1. Enfermagem e Ciências Correlatas.....	15
3.2. Filosofia da Educação e os Princípios da Aprendizagem.....	15
3.3. Formação de Professores em Enfermagem com o compromisso social.....	25
3.1. Marco Conceitual das Escolas de Enfermagem e Cursos de Pós-Graduação em Enfermagem e Docência.....	34
IV. METODOLOGIA.....	49
V. RESULTADOS DOS DADOS.....	51
VI. CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	53
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
VIII. ANEXOS.....	64

I. INTRODUÇÃO

Diante dos paradigmas, quanto aos conhecimentos dos enfermeiros da rede pública do Ministério da Saúde do Rio de Janeiro, com relação ao exercício do Magistério, onde serão descritos os desenvolvimentos da pesquisa caracterizando-se os objetivos e os elementos teórico-metodológicos em educação, a partir do interesse qualitativo, enquanto uma práxis social, comprometida com o processo de transformação na produção científica com a prática quotidiana da enfermagem na atuação do magistério; e as concepções de educação no contexto da dogmatização à desdogmatização dos paradigmas.

O ser humano progride de estágio mais primitivo em direção ao pensamento hipotético-decritivo, onde adquire instrumentos de adaptação que lhe irão possibilitar a enfrentar qualquer perturbação do meio, podendo usar a descoberta e a invenção como instrumentos de adaptação as suas necessidades.

A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer, qualquer razão científica para considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia; onde o homem com seus conhecimentos - “produto de interpretação entre homem/mundo, entre sujeito/objeto”, o indivíduo é considerado como um sistema aberto, em reestruturação sucessiva, em busca de um estágio final e nunca alcançado por completo.

No atual contexto da educação do país a autora tem a preocupação em detectar esse interesse profissional da enfermagem no campo do magistério; visando contribuir para uma melhoria da qualidade do ensino, a fim de que os

enfermeiros possam desempenhar suas atividades com mais segurança e eficácia, tanto na assistência quanto no magistério.

Assim sendo, a autora conhecendo a atuação e o desempenho dos enfermeiros nos dois hospitais do Ministério da Saúde, vem demonstrar através desta pesquisa a questão dos interesses e conhecimentos dos enfermeiros.

Será que esses profissionais de níveis assistenciais tem interesse pela atuação docente? Tratando-se de duas instituições de grande porte e por terem interação com algumas universidades e escolas técnicas de enfermagem é de se esperar que haja uma participação expressiva por parte dos enfermeiros, voltada para o campo da educação.

Por outro lado, o enfermeiro traz das suas origens um paradigma de educador, e com isso, encontram-se desestimulados para voltarem os interesses pela atualização de suas atividades profissionais no magistério. Daí a filosofia da educação cabe então colaborar para que esta visão seja construída durante o processo de sua formação; partindo de uma reflexão, que detectará o futuro educador a buscar seu destino educacional: a civilização dentro de um projeto antropológico. Daí a importância do homem pensar certo, o que significa procurar descobrir e entender o que acha mais escondido nas coisas e nos fatos que não observamos.

Pensar certo, é, também, descobrir a razão de ser dos fatos e propor, e aprofundar, pois os conhecimentos que a prática nos dá, não são um privilégio de alguns mas um direito que o povo tem numa sociedade revolucionária.

Sabemos, que os saberes acadêmicos na área da educação e saúde não são neutros, puros, mas sim produzidos por instituições que tem poderes de controlar e educar dentre os aspectos referentes a ação do professor pelo magistério. Para tanto, os professores deverão ser suplementados com informações educacionais exatas e atuais nas novas descobertas das ciências e realizar revisão periódica do conteúdo e da metodologia.

Objetivos

- 1) Estabelecer a relação existente entre os paradigmas da ciência moderna e a formação do enfermeiro no contexto da sociedade brasileira.
- 2) Situar a função sócio-política do enfermeiro a partir do exame histórico de suas diferentes práticas ao longo da história social da saúde.

Justificativa

Este trabalho justifica-se a partir das seguintes considerações:

- 1) que as instituições de ensino em enfermagem promovam estratégias enfocando o interesse do aluno no despertar para o campo profissional do magistério, pois só assim poderá participar do controle de qualidade dessa formação, no que tange a busca do consenso do educador em enfermagem no desenvolvimento com fundamentos teórico-metodológicos para transformação social na produção científica e com a prática cotidiana para um futuro docente em enfermagem;

- 2) que os professores dos cursos de enfermagem, em qualquer disciplina, possam contribuir com seus conhecimentos e experiências profissionais com uma mensagem de otimismo para os alunos de enfermagem, ressaltando a importância da atuação do enfermeiro no campo da docência, num processo dinâmico e contraditório em mudança e desenvolvimento a partir dos fenômenos, “síntese dialética”;
- 3) que esse trabalho de pesquisa com enfermeiras dos dois hospitais do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro sirva para a Universidade como interesse e estímulos para formar e especializar mais enfermeiros. Assim, vai poder ampliar os conhecimentos técnicos e científicos para o desenvolvimentõs de futuros educadores em enfermagem e não curiosos, que se prevalecem de certas situações que atuam no mercado sem nenhuma qualificação de docência.

E quando a autora vê essa problemática no ensino da Enfermagem, já com uma proposta estabelecida pela nova Lei LBD, é onde ela prioriza a qualificação do corpo docente de fato, no exercício profissional para o magistério.

II. AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DOS PARADIGMAS DO CONHECIMENTO

A incursão pela história da Ciência Moderna, tem um papel importante dentro do contexto social, visando abordagens lógicas nas crises dos paradigmas da modernidade, é que de certa forma encaminhou a crise da própria necessidade, a possibilidade de um paradigma homogêneo.

Essas transformações configuram as abordagens que ocorrem devido a natureza teórica do conhecimento científico no decorrer dos pressupostos epistemológicos das regras metodológicas. Daí os paradigmas vem contribuindo no campo profissional da enfermagem, dando uma visão dos conceitos, situando o seu contexto de produção histórico-social.

No que se refere ao homem na sociedade e na cultura, o desenvolvimento social deve caminhar no sentido da democracia que implica deliberação comum e responsabilidade pelas regras que os indivíduos seguirão, com direitos e deveres por uma igualdade e liberdade.

Nos fatores sociológicos variam de grupo para grupo, de acordo com o nível mental médio das pessoas que constituem o grupo (social x cognitivo). O pacto democrático, portanto, é relativo ao nível de desenvolvimento mental das operações abstratas. Liberdade implica participação ativa na elaboração de regras comuns para os grupos.

Para Piaget, não há começo absoluto, não se aprende nada de realmente novo, uma vez que já possuímos estruturas mentais. A essência do construtivismo é a criatividade como processo vital. Construir = tornar as estruturas motoras, verbais e mentais do comportamento mais complexas, mais imóveis e mais estáveis. Criar = realizar novas combinações na ciência moderna. É um juiz de valores, é a auto-justificação da ciência enquanto fenômeno central da nossa contemporaneidade, a ciência é, assim, autobiografia.

A educação como um processo de socialização implica em criar condições que possibilitem a superação da coação dos adultos sobre o comportamento das crianças, ou seja, um processo de democratização das relações, que deve criar condições de cooperação de troca. A lógica não é inata, mas se constrói. A primeira tarefa da educação deveria consistir em formar o raciocínio.

O processo de trabalho e transformação da natureza é um processo privilegiado nessas relações homem/mundo; a sociedade humana é uma totalidade em constante mutação. É um sistema dinâmico e contraditório, que precisa ser compreendido como processo em mudança e em desenvolvimento; as transformações qualitativas ocorrem por meio da chamada “síntese dialética”, onde a partir de elementos presentes numa determinada situação, fenômenos novos, emergem. (Vygotsky e Freire)

Rousseau, fez perguntas menos elementares: Há alguma relação entre a ciência e a verdade? Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida, e que partilhamos com

os homens e mulheres da nossa sociedade, pelo conhecimento científico produzido, em prol da interação da ciência com a natureza e a humanidade?

2.1. As Teorias Crítico-Reprodutivas

Elas são críticas por compreenderem a educação a partir de seus condicionantes sociais, e a função própria da educação consiste em reproduzir a sociedade em que ela se insere. Estão incluídas neste grupo as seguintes teorias:

a) Teorias do sistema de ensino enquanto violência simbólica

Desenvolvida na obra “A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema”, de P. Bourdieu e J.C. Passeron (1975), esta estabelece o sistema de ensino como uma modalidade de violência simbólica. É violência simbólica porque qualquer sociedade estrutura-se com um sistema de relações de força simbólica cujo papel é reforçar, por dissimulação, as relações de força material.

A violência material que seria a dominação econômica permitiriam a classe dominante explicitar a ação pedagógica sobre a classe dominada (violência simbólica). É um poder arbitrário de imposição onde resultará na reprodução de desigualdades sociais.

Retornando sempre ao ponto de partida, sem uma outra alternativa, o grupo dominado nesta teoria serão aqueles grupos ou classes dominadas sem força

material (capital econômico) e marginalizados culturalmente porque não possuem força simbólica (capital cultural).

b) Teorias da escola enquanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE)

Althusser distingue no Estado os aparelhos repressivos (o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc.) e os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Neste segundo caso, ele enumera: aparelhos (religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, cultural e de comunicação).

No caso do aparelho repressivo ele funciona primeiramente com a violência e secundariamente com a ideologia. No aparelho ideológico, primeiramente está a ideologia e posteriormente a repressão.

A escola, como AIE, procura tomar todas as crianças de todas as classes sociais e lhes impõe saberes práticos envolvidos com a ideologia dominante.

Reproduzindo as relações de uma sociedade capitalista um grupo terá a escolaridade básica. São os agentes da exploração. No segundo grupo encontrar-se-ão os do quadro médio, que tendo que abandonar depois de avançar um pouco mais após atingirem a escolaridade básica, ocuparão a posição de pequenos burgueses.

Já o terceiro grupo (uma pequena parte) estará no vértice desta pirâmide. Serão os agentes da exploração, agentes da repressão e dos profissionais da ideologia.

c) Teoria da Escola Dualista (elaborada por C. Baudelot e R. Estabelet)

É uma escola dividida em duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado.

Ela qualifica o trabalho intelectual e desqualifica o trabalho manual. É um instrumento da burguesia na luta ideológica contra o proletariado.

Pode-se concluir que a escola é ao mesmo tempo um fator de marginalização relativamente a cultura burguesa assim como a relação à cultura proletariada.

2.2. Ideologia

E como não poderíamos deixar de fazer uma ressalva: O que é Ideologia?

Um dos conceitos mais polêmicos no âmbito das ciências sociais, este termo irá receber significações muito diversas. Criado por Antoine Destury de Tracy, este defende que nossas idéias se baseiam em sensações físicas e essas idéias deverão constituir o fundamento da estrutura das leis reguladoras da sociedade.

Quis-se associar esse termo à irracionalidade e ao dogmatismo que levaram alguns autores conservadores a falar no “fim das ideologias”.

Na sociedade humana encontra-se principalmente a constituição e aperfeiçoamento de formas sob as quais as pessoas vivem e constroem significativamente a sua realidade, seus sonhos, seus desejos e aspirações.

Segundo Goran, as ideologias submetem e qualificam os indivíduos dizendo-lhes, fazendo-lhes reconhecer e relacionando-os com o que existe, com o que é bom e o que é possível e impossível.

Em resumo, ideologia é uma visão do mundo, uma perspectiva sobre as coisas, acontecimentos e comportamentos. Esta concepção do mundo é uma construção sócio-histórica. Ela manifesta-se tanto nas práticas das pessoas quanto nas idéias.

O domínio de uma classe sobre a outra é um processo de hegemonia ideológica. E isso não quer dizer que as classes dominadas sejam totalmente manipuladas ou este estado é estático ou permanente.

A ideologia que num momento histórico como hegemonia poderá ser reformulada, elas se constroem, funcionam, se transformam ou se substituem.

2.3. Dialética

Marx, fez da dialética um método. Insiste na necessidade de considerarmos a realidade sócio-econômica de determinada época como um todo articulado, atravessando por contradições específicas, entre as quais a da luta de classe. A partir dela, mas graças sobretudo a contribuição de Engels, a

dialética se converte no método do materialismo e no processo do movimento histórico, considerando a natureza, como um todo coerente em que os fenômenos se condicionam reciprocamente, como um estado de mudança e de movimento, como o lugar onde o processo de crescimento das mudanças quantitativas gera, por acumulação e por saltos, mutações de ordem qualitativa, como a sede das contradições internas, seus fenômenos tendo um lado positivo e outro negativo, um passado e um futuro, donde a luta das tendências contraditórias gera o progresso (Marx, Engels). Daí vem a importância, com perspectivas em superar a exclusividade no estruturamento do “método dialético”, partindo de um processo histórico educativo.

2.4. Intelectual

Para Gramsci, todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer, mas nem todos os homens desempenha na sociedade a função de intelectual. Isso quando se discute intelectual, e não intelectual na referida função social e se leva em consideração a função e as atividades profissionais específicas. Não existem atividades humanas nas quais não se possa excluir, toda intervenção intelectual, não se pode separar o “homo sapiens do homo sapiens”. Em suma: todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui para manter ou modificar a concepção do mundo, e promover novas maneiras de pensar. Daí, que se pergunta: Até que ponto o professor enquanto intelectual transformativo pode-se questionar sobre a natureza política do ensino público no Brasil, com uma visão da ciência moderna de educador?

O novo papel dos educadores em desempenhar uma pedagogia contra a hegemonia da escola tradicional requer uma grande transformação pedagógica. Esta posição do professor, enquanto intelectual transformador exige uma posição de luta contra as diversas formas de opressão permitindo a si mesmo condições estruturais de investigar e colaborar em elaborações de currículos em que tornem o aluno um ser consciente e atuante em benefício próprio de sua vida.

Intelectuais com consciência significa aquela que esteja em condições de atuar transformando em conhecimentos necessários para converter a tarefa pedagógica em prática educativa.

Esses intelectuais transformativos, dedicados a desempenharem uma autêntica democracia deverão estar desenvolvendo seus trabalhos em locais em que esta prática seja permitida. (Giroux, 1997)

A prática de um trabalho voltado a transformação de um verdadeiro trabalho democrático enobrece o diálogo significativo e a iniciativa humana. A prática da democracia exige uma idéia de uma escola de **portas abertas** em que a luta contra a opressão seja seu maior trabalho, onde não há lugar para professores que impõem, alunos destinados a serem oprimidos, etc.

Também é essencial que intelectuais transformativos desenvolvam técnicas que originem determinadas formas sociais através das quais se elaboram diferentes tipos de conhecimentos, conjuntos de experiências e subjetividades.

III. DESENVOLVIMENTO DA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NO ENSINO NO BRASIL

Segundo PAIXÃO (1997) a história da Enfermagem no ensino, vem apresentando um crescente interesse governamental, no sentido de enriquecê-lo e integrá-lo às Universidades. É preciso que novas escolas se façam com o máximo de garantia para o êxito das mesmas. Não é razoável que uma nova escola se abra sem que disponha do pessoal Docente preparado, de locais adequados à eficiência de ensino e de fundadas probabilidades de razoável recrutamento.

Há vários anos a escola está ministrando cursos de formação de Pedagogia e Didática aplicada à Enfermagem, Administração de Ensino e de Serviços de Enfermagem, com duração de um ano. Esse curso tem aperfeiçoado muitos professores e chefes de Serviço de várias escolas do país. Atualmente, os cursos seguem a denominação e os padrões universitários.

De acordo com FREITAS (1993), a partir das décadas de 70 a 80, as Escolas de Enfermagem passaram por uma transformação didática administrativa decorrente do parecer 163/72, que fixa as habilitações em Enfermagem e dá início a Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado.

Na década de 80, questões apontadas pela OMS/OPS e as discussões do setor saúde, vinculadas ao Plano Nacional de Saúde e as novas orientações do Ministério da Saúde e da Previdência Social, vêm reforçar a orientação do

ensino da Enfermagem voltada para as políticas de extensão de cobertura e de atenção primária em saúde.

O ciclo profissional vem a compreender uma seqüência de experiências de aprendizagem, capacitando o aluno para o desenvolvimento da assistência individual e coletiva dirigida à criança, à mulher e ao adulto nas áreas de enfermagem cirúrgica, obstétrica e ginecológica, pediátrica, psiquiátrica e saúde pública.

A Capacitação do pessoal docente, do ponto de vista pedagógico e filosófico deverá estar objetivando vinculado a um conceito educacional. Isto exigirá a necessidade de programas de educação continuada para os próprios docentes, visando prepará-los para os desafios que surgem no campo do ensino e da capacitação profissional diante de uma nova perspectiva educacional que necessariamente levará a mudanças concretas no ensino e na prática profissional da enfermagem.

Segundo GOMES (1995), a baixa procura dos cursos de enfermagem é um problema discutido desde a implantação da enfermagem profissional no Brasil em 1923, tendo como conseqüência um número insuficiente de profissionais tanto no campo docente como também no assistencial, quando se trata de especialização para o exercício prático.

FINER (1978) nos lembra do valor da história em qualquer setor da vida social. Seus problemas, hoje e amanhã podem ser iluminados pelo exame dos problemas do passado (sua ausência, não menos que sua existência). A

história nos oferece algumas oportunidades para buscar a causa e o efeito nas realizações e fracassos sociais no processo de luta e desafio.

3.1. Enfermagem e Ciências Correlatas

SOUZA (1978) cita a relação da enfermagem com outras ciências tais como: Ciências Médicas, onde encontra sua maior interação no contato direto com os pacientes; Psicologia, sendo utilizada pelo enfermeiro ao estudar o comportamento e reações dos pacientes, bem como orientando-os e educando; Ética, determinando o senso de responsabilidade e sendo sempre o seu apanágio, com preocupação constante no exercício profissional; Direito, servindo sempre de termômetro para as ações exercidas com imperícia, imprudência ou negligência; Sociologia com a Antropologia, ajustando a enfermagem ao campo social e a Religião ajudando os indivíduos a superarem suas emoções e seus momentos de angústia e dor.

3.2. Filosofia da Educação e os Princípios da Aprendizagem

Segundo SEVERINO (1989), ressalta a importância da formação filosófica na formação do professor, como exigência do próprio amadurecimento humano do educador. Coloca-se, com efeito, uma questão antropológica: explicar qual o sentido possível da existência do homem brasileiro como pessoa situada na sua comunidade, de tais contornos sociais e em tal momento histórico.

Esta reflexão filosófica, deverá dar ao futuro educador a oportunidade da tentativa de explicação do projeto existencial a se buscar para a comunidade brasileira, na busca de seu destino e de sua civilização. Um projeto educacional só pode ser compreendido dentre de um projeto político e esta dentro de um projeto antropológico.

Assim, cabe à reflexão filosófica explorar o significado da condição humana no mundo. A Filosofia da Educação deve colocar para o educador a questão antropológica, a qual deve equacionar adequadamente, recorrendo à filosofia social e à filosofia da história, alicerces múltiplos de toda reflexão sobre o realizar-se do homem.

À filosofia da educação cabe então colaborar para que esta visão seja construída durante o processo de sua formação.

De acordo com SAVIANI (1996), a concepção humanista moderna de Filosofia da educação está abrangida num amplo movimento filosófico com correntes do Pragmatismo, Vitalismo, Historicismo, Existencialismo e Fenomenologia, tendo estas importantes repercussões no campo educacional.

A concepção humanista admite outras formas descontínuas na educação; educação determinada pelas diferenças existenciais ao nível de indivíduo (psicológico sobre o lógico) e a educação existencialista (ocorre independentemente da vontade ou preparação).

O autor critica as pedagogias que acreditam ser redentoras da humanidade e modificadoras da sociedade, através da educação; critica-lhes a falta de consciência histórica e social.

Na Pedagogia da Essência, o autor refere a igualdade de todos perante a lei, o que não foi possível devido à Revolução Burguesa. Através da Escola Nova surgiu o caráter mecânico, desatualizado a escola convencional, assim ferindo os princípios da burguesia pela classe dominante.

A Pedagogia da Existência tem como base a essência e a crítica condicionada. Ainda longe de compreender as mudanças sociais, ela consiste na crença superior autônoma e nas dependências radicais em face das condições sociais vigentes.

Os princípios da aprendizagem, segundo BERNARD (1979), a importância dos conhecimentos sobre o ensino-aprendizagem tem como objetivo básico de efetuar certas mudanças e desafios desejados no comportamento com a compreensão dos esforços. Os psicólogos tem mostrado mais interesses nos princípios de treinamento para desenvolvimento da independência profissional. O aprendizado é um fenômeno tão comum que passa despercebido pelo o ser humano. É uma mudança de comportamento relativamente permanente que ocorre como resultado da prática ou experiência. Onde o treinamento esta inteiramente ligado com o ensino graças as aptidões do decorrer dos anos ganhou ampla dimensão e mudanças no desenvolvimento educacional. O mesmo conclui que se uma pessoa dotada das aptidões, recebe a incumbência de melhorar seu desempenho numa determinada tarefa. Onde as instruções programadas apresentem sensível superioridade, não só no aumento

da velocidade de aprendizagem, como no índice de retenção da natureza. Ela também aumenta o controle educacional sobre os programas de treinamento, no que se refere ao ensino-aprendizagem.

No processo de ensinar é essencial a participação ativa por parte do aprendiz. É facilidade quando o aprendiz obtém uma recompensa em consequência do seu comportamento; quando compreende os conceitos fundamentais em que baseado o assunto; quando o assunto a ser aprendido relaciona-se com aquilo que o aprendiz já conhece. É retida por mais tempo quando é aplicada imediatamente.

O ensino e a aprendizagem são processos recíprocos. O papel do professor consiste em ajudar o aprendiz a adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes que necessitem aprender. O ensino facilita o processo de aprendizagem.

A forma de conduzir a aula e orientar as experiências de aprendizagem constituem os diferentes estilos de ensino. Em uma extremidade está o autocrático. Na outra está o estilo deixa fazer, onde as decisões são deixadas a cargo dos estudantes. No estilo democrático, o aprendiz participa no estabelecimento dos objetivos, assumindo responsabilidades pela aprendizagem e sentindo-se livre para participar das decisões em relação a direção da experiência. Esse estilo tem-se mostrado muito eficaz na facilidade de aprendizagem.

FREIRE (1994) tem como característica a pedagogia educacional da alfabetização de adultos. No seu estilo acessível e dialogante envolve relações

de currículos com cultura, valorizando o aprender a ler, escrever até se alfabetizar. Antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender e seu contexto com sua manipulação mecânica da palavra dinâmica, que vincula a linguagem e realidade da aprendizagem na alfabetização.

O autor ressalta a importância da memória a “reler”, buscando experiências existenciais do mundo vivido, com a natureza onde valoriza os mais simples dos métodos pedagógicos. O autor tem corrente com pensamento progressista e libertador. Com grande pretensão para uma qualidade digna à alfabetização do adulto, buscando levar sempre problemas revolucionários para o homem e a mulher a pensar certo. Reafirma que a alfabetização de adulto é vista como ato político. Fala ainda, de resultados positivos obtidos a partir de uma visão de mundo partindo através da associação teoria e prática.

Segundo LAKATOS (1995), a leitura contribui-se em fator decisivo do resto, pois propicia a ampliação dos desconhecidos, obtenção de informações básicas ou específicas, a abertura de outros horizontes, puramente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento do vocabulário e o melhor entendimento do conteúdo das obras.

O ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes das secundárias e optando pelos mais representativos e sugestivos de novas idéias e do saber através dos processos de assimilações críticas, comparativos e integrações dos conhecimentos, através da leitura.

Segundo SILVA (1996), é inevitável de se lidar com pessoas nos hospitais, ambulatorios, emergências e leitos de pacientes, surjam conflitos de atitudes não compreendidas mesmo de uma relação inesperada.

O profissional da área da saúde, tem como base de seu trabalho as relações humanas, não se podendo portanto, deixar de levar em conta os processos comunicativos nele inseridos. É preciso estar atento aos sinais de comunicação verbal e não verbal. Por interagir diretamente com o paciente e outros profissionais de saúde, a enfermeira precisa estar mais atenta ao uso adequado das técnicas de comunicação interpessoal. Faz-se então, o seguinte questionamento: A comunicação adequada é aquela que tenta diminuir conflitos, mal-entendidos e atingir objetivos definidos para solução de problemas detectados na interação com os pacientes?

Como profissionais não podemos considerar o fisiológico do paciente, pois o comportamento está diretamente relacionado ao que sente e pensa. A recuperação do paciente não depende exclusivamente de fatores bioquímicos, mas sim do quanto ele sente ser aceito ou rejeitado, à vontade ou constrangimento enquanto está hospitalizado. Devemos aumentar nossa afetividade na comunicação ao tomarmos consciência da importância da linguagem corporal, no tocante à postura e contato visual.

De acordo com SILVA (1996), são poucos os estudos que buscam aperfeiçoamento por meio de treinamento não verbal. O fato é que as mulheres são mais sensíveis do que os homens.

É necessário registrar a função de entrevistador, inúmeras vezes exercida pelo profissional de saúde, mas que pode ser melhorada pela tomada de consciência de suas falhas na comunicação. As mais comuns são as barreiras pessoais que constituem impedimentos naturais na comunicação; a linguagem (uso de termos técnicos, palavras que sugerem preconceitos, impaciência e mensagens incompletas); impedimentos físicos (surdez, mutismo); fatores psicológicos (personalidade, sentimentos e emoções) diferenças educacionais e barreiras educacionais (status das pessoas em uma determinada organização). Em particular cabe ao enfermeiro dar continuidade à valorização do hábito da comunicação aos colegas de trabalho, levando conhecimentos até às formações pedagógicas para os novos profissionais de saúde.

Podemos afirmar, então, que quanto maior for a capacidade do profissional de decodificar corretamente o não verbal, maiores serão as suas condições de emitir adequadamente os sinais não verbais. O aprendizado das relações humanas é uma construção diária.

Objetivos Educacionais do Enfermeiro

Segundo ARNDT e HUCKABAY (1988), são eles:

- Desenvolver e demonstrar compreensão dos princípios fundamentais e processos de educação no serviço de enfermagem;
- Demonstrar compreensão dos objetivos de uma instituição de assistência e ser capaz de formular e realizar planos a longo e curto prazos;

- Identificar problemas no planejamento organizacional, organizando, dirigindo e controlando responsabilidades departamentais em diferentes tipos de organização na educação para assistência à saúde;
- Conduzir investigação científica de problemas em nível organizacional e individual que ocorram no departamento e planejar curso de ação na solução de problemas;
- Desenvolver segurança ao exercer influência de direção e coordenação entre grupos diversificados, visando um departamento de serviços educacionais bem integrado.

Segundo DUGAS (1984), os enfermeiros estão desempenhando importante papel na educação de novos profissionais e também na assistência dos pacientes. A enfermeira é considerada pelo público como uma pessoa capaz de relacionar os assuntos de saúde, onde sua opinião é respeitada. A enfermeira entra como educadora para a família e pacientes nas atividades de enfermagem onde seja capaz de identificar as suas necessidades e executá-las com responsabilidade e segurança técnicas.

A aprendizagem ocasiona mudança no processo de pensamento, ações ou atitudes do aprendiz. Várias teorias foram propostas por vários educadores no último século, para explicar o fenômeno da aprendizagem, onde a maioria tem se baseado na medição da facilidade com que a aprendizagem ocorre.

Para LEAVELL (1987), educação sanitária, significa bem mais do que uma instrução formal de classe em saúde. É portanto, importante, que os

procedimentos sanitários nas escolas constituem, eles mesmos, experiência educacional adequada. Para tanto, os professores deverão ser suplementados com informações educacionais exatas e atuais, baseadas nas novas descobertas da ciência médica e realizar uma revisão periódica do conteúdo e da metodologia da instrução sanitária. Ela depende de uma compreensão de hierarquia das necessidades e de entendimentos e não da faceta de tais grupos. Onde a educação eficaz, apoia-se no entendimento todos conceitos básicos do comportamento humano e no conhecimento das crenças, atitudes e outros fenômenos culturais do topo na seleção de problemas fundamentais.

A enfermeira educadora tem como objetivo fornecer orientação de saúde a membros da família, no lar, na escola e no trabalho. Suas atividades englobam: promoção, proteção, diagnóstico precoce e tratamento específico, limitação da capacidade e reabilitação.

LEAVELL/BROWN disse: “atualmente a enfermeira é considerada próxima do professor, como uma necessidade social. Seu papel como um membro indispensável dos serviços de saúde, engajadas na terapia, prevenção de doenças e proteção da saúde está continuamente crescendo em tamanho e importância.

Segundo LIBÂNEO (1994), há uma relação recíproca e necessária entre a atividade do professor e a atividade do estudo dos alunos. A unidade ensino-aprendizagem concretiza-se na interligação de dois momentos indissociáveis: transmissão e assimilação ativa de conhecimentos e habilidades dentro de condições específicas de cada situação didática.

O ensino compreende ações conjuntas do professor e dos alunos, onde estes são estimulados a assimilar, consciente e ativamente, os conteúdos e métodos, com suas próprias formas intelectuais, aplicando-os de forma independente e criativa.

Deve-se ainda ter em mente que o trabalho docente deve ter sempre como referência a prática social, realidade esta onde professor e alunos são parte integrante.

Ensino dos Procedimentos Básicos no Laboratório de Enfermagem.

FRIEDLANDER (1984) defende o laboratório de enfermagem como recurso importante no treinamento das habilidades básicas de enfermagem, tanto sob o ponto de vista ético como educacional. Cita a habilidade de estudante como fatores desencadeantes de insegurança no cliente, criando situações difíceis para o aluno, docente e cliente.

Cita a insegurança causada pela inabilidade, como responsável por dificuldades na aprendizagem e tenta através da investigação avaliar a eficácia do laboratório de enfermagem como recurso de instrução no ensino de habilidades básicas de enfermagem.

Relata, ainda, que apesar dos grandes progressos no campo da educação trazidos pelo desenvolvimento da psicologia educacional, o ensino da enfermagem segue os moldes tradicionais e parece não ter sofrido a influência dessa evolução. O aluno continua a ser concebido como um elemento passivo e é afastado de todos os níveis de tomadas de decisões, cabendo ao professor

toda a responsabilidade do processo educacional. A preocupação da maioria dos docentes centraliza-se no ensino ficando a aprendizagem num plano secundário.

Uma das conclusões da investigação é que o treinamento prévio em laboratório de enfermagem diminui o número de erros e portanto, o risco do cliente diante da imperícia do próprio estudante.

3.3. Formação de Professores em Enfermagem com o Compromisso Social

Segundo MELLO (1996), estimular e criar modelos alternativos de formação dos professores a nível de segundo e terceiro grau. É uma prioridade para os professores do Terceiro Milênio pois são eles que hoje freqüentam os cursos de formação ou especialização; quaisquer que sejam essas opções deverão ter elementos comum a curto prazo. Cabe ao Estado estabelecer padrões básicos de qualidade para os cursos de formação de professores realizado por meio institucional.

Caso o formando não apresente os conhecimentos e habilidades consideradas indispensáveis a instituição - pública ou privada - elas deverão ser responsáveis pela a complementação da formação.

Mantida a situação atual, em que a profissão docente exerce pouca ou nenhuma atuação sobre estudantes de melhor nível sócio-econômico e formação básica, talvez a melhor solução seja de curto prazo inverter de forma concentrada naqueles que se encaminhem para os cursos de Magistério. Para

isso seriam necessário cursos em tempo integral com as escolas de ensino fundamental onde se realizaria a parte prática da formação do futuro docente, visando estimular a dedicação do professor para um bom desempenho acadêmico das diferentes instituições Públicas e Privadas de formação de professores.

Isso poderia garantir um fluxo de professor mais bem preparado do Magistério.

Outro enfoque teria em vista capacitar o professor não em quaisquer conteúdo, mais naqueles requisitos e requeridos para participar efetivamente da formulação e execução do projeto pedagógico da escola, mantida a especificidade da área ou disciplina, na capacitação dos docentes no processo do ensino-aprendizagem.

Para MELLO (1996); um epílogo na forma de desafio: Participação dos Educadores na Construção de Consensos.

Entender as condições e limites da participação dos intelectuais especialmente dos educadores nas decisões de políticas educacionais e fundamentais para privilegiados da Sociedade de Educação.

Sua posição de “especialistas” lhes dá legitimidade e acesso aos meios formadores de opinião pública.

Dentro do campo educacional, os educadores mantêm inúmeras articulações, tais como a “base” do sistema de ensino como com seus

dirigentes dentro e fora do governo. São eles que, organizam cursos e treinamentos para os profissionais que atuam nas escolas como também dão aulas, fazem conferências e seminários, escrevem livros, prestam consultoria a órgãos governamentais, em alguns casos, participam da definição de políticas e programas partidários na área de sua especialidade.

Outra questão inquietante aos interlocutores que os educadores têm privilegiado na busca de consensos o que acontece é a resistência de certos setores do público interno da educação apresentam para certos empresários, segmento do ensino privado, organização não-governamentais como interlocutores na mesa de discursos, onde não seria mantido por partes mais ideológicas ou partidários do que por interesses educacionais. Para ingressar no mundo do trabalho um dos objetivos importantes do processo educativo para participar do controle de qualidade dessa formação no que se tange a busca do consenso.

Segundo L.B.D - 9394/(1996) considerando o artigo 64, diz-se que a formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em curso de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida nesta formação, a base comum nacional.

Já no art. 65, a formação docente, exceto para educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, 300 horas.

Para o autor TEIXEIRA (1994), a expansão educação e consciência, nascente da importância da formação do professor, somente se dará pela reformulação integral dos moldes e padrões de formação do magistério, e será possível na descoberta do sistema escolas as forças de revisão, reforma e correção que se impõe para sua gradual reconstituição.

Será um novo professor que irá dar consciência e sentido as tendências de popularização da educação em qualquer nível e que se torne eficiente a cultura técnico-científico na universidade, que irá preparar a transformação para novas funções de induzir a escola de pós-graduação para formação dos cientistas e a formação do magistério.

Segundo GIL (1994) o compromisso social do professor: O conhecimento e a descoberta para quem o faz e este conhecimento pressupõe que já encontrava-se presente na realidade exterior.

Para o conhecimento é necessário a experiência e esse conhecimento para os positivistas é adquirido através da ordenação de experiências e elementos do universo.

Inúmeras doutrinas pedagógicas mostram nada mais que refletir os valores sociais, outros apontam para mudanças no ajusto da sociedade e outros envolvem a libertação dos oprimidos. Como também, as ações dos professores são de alguma forma influenciadas pelas doutrinas e orientações definidas pelas instituições deste século com os modelos de atuação do professor em sala de aula.

De acordo com CHRISTÓFARO (1996), o ensino que se refere ao trabalho e que ocorre sob direção, coordenação decisão da instituição social-escola, enquanto parte do sistema de ensino se constitui a partir do início do século passado.

Sua organização (da escola) inspira-se no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado.

Segundo SAVIANI (1996), a escola nasce, com o papel de difundir a instrução e transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e selecionando no processo de ensino a garantia da sociedade.

Desde o nascimento da escola como instituição social, identificam-se distintos movimentos:

. Escola Tradicional - ocorre o domínio de conhecimento pelo professor.

. Escola Escolanovista - desloca o eixo do ensinar do intelecto para o sentido; do lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos do professor para o aluno.

. Escola crítica Social dos Conteúdos - a ênfase é o domínio do saber crítico de uma nova prática de ensino e educação. Esta forma de escola/ensino tem o mérito de evidenciar o comprometimento da escola e da prática do ensino como o conhecimento a ser transmitido e criado assim como denuncia a tendenciosidade da escola em direção aos interesses dominantes de minorias economicamente hegemônicas no processo de integração professor-aluno.

Ensinar enfermagem é um trabalho social e histórico onde se pretende produzir/reproduzir um saber sobre as condições de vida do homem.

De acordo com CHRISTÓFARO (1996), a prática do ensino de enfermagem tem como contribuição as discussões em geral e que se realizam nos congressos estaduais, fazendo com que se repense a prática de enfermagem. Esta prática que vem sendo feita é um trabalho que produz/reproduz um saber dirigido a diferentes produtores.

Segundo GIL (1994), parte, dentre os aspectos referentes à ação do professor coloca-se como mais importante a ênfase no ensino na aprendizagem para os alunos em sala de aula é a sua opção que o professor faz pelo Magistério.

Daí vem a dificuldade de se fazer conceito de ensino e aprendizagem porque encontram-se indissociavelmente ligados, pois tem-se em mente ao se falar de ensino como: instrução, comunicação e transmissão de conhecimentos, que indicam o professor como elemento principal do processo do ensino-aprendizagem.

- Os educadores progressistas, preocupados com educação colocam maior ênfase na aprendizagem que no ensino.
- Os humanistas constituem os exemplos claros de adoção desta postura. Para educadores é nos alunos que estão centrados as atividades educacionais em suas aptidões, interesses, oportunidades, possibilidades e condições de aprender, onde os alunos são incentivados a expressar suas próprias idéias e

investigar sozinho e procurar seus meios para o seu desenvolvimento individual e social.

- O compromisso social e ético dos professores, parte do trabalho que constitui o exercício profissional. Este é o primeiro passo com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para tomarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política.

Dai, torna-se uma atividade fundamentalmente social, porque contribui, para a formação cultural e científica de modo, sendo tarefa indispensável para conquista democrática.

Sendo importante o professor ser o mediador entre o aluno e a sociedade entre as condições de origem do aluno e sua distinção social na sociedade, papel que cumpre as condições e os meios no que se refere aos conhecimentos, métodos, organização do ensino, que assume o encontro do aluno com as matérias de estudo programado.

Motivos que Levam os Enfermeiros a Optarem pelo Magistério em Enfermagem

No debate científico da UNI-RIO, realizado no período de 16 a 20 de setembro de 1996, a autora observou sistematicamente, através de sua prática no Magistério em escola de formação de técnicos e auxiliares de enfermagem, que os enfermeiros, em sua grande maioria, iniciavam suas atividades profissionais no Magistério de nível médio, pois este setor absorve mais

facilmente os recém-formados, sem experiência e formação pedagógica. Baseada nesta observação, resolveu levantar sistematicamente, através de uma abordagem qualitativa, junto às escolas de formação de auxiliares e técnicos de enfermagem, na cidade de Salvador, os motivos que levavam os enfermeiros a optarem pelo Magistério de nível médio. Para tanto realizou entrevistas, cujos registros foram analisados codificados e categorizados, segundo o referencial metodológico de análise de conteúdo de LAURENCE BORDIN (1977). Foi verificado o mercado de trabalho como motivo que leva os enfermeiros a optarem pelo Magistério em Enfermagem de nível médio.

PAIM (1978), cita uma tendência voltada para atender ao mercado de trabalho ligado às instituições públicas e privadas, exigindo formação de especialistas capazes de atender a toda sofisticação da assistência quase que hospitalar, condicionando-a a um compromisso com o “status quo”.

SILVA (1993) e colaboradores, relatam que o surgimento de movimento preventista e a integração docente-assistencial faz surgir um compromisso de reforma, sem que entretanto tenha caráter inovador, tendo em vista não ter modificado de fato, a estrutura de prestação de serviços.

Segundo ARNDT (1988), a enfermeira docente desempenha seu papel na saúde com uma nova filosofia pedagógica, onde a cada dia que passa surgem novos horizontes para a educação. A demanda pelo talento nos últimos anos tem crescido, exigindo uma educação mais abrangente e aperfeiçoada. Ocorreu uma explosão de informações e progressos na automatização e tecnologia onde exigem uma estrutura de organização. Estes requerem contínua educação em serviço e nos forçam a considerar efetivos métodos de

aprendizagem. Num ambiente complexo cheio de desafios e problemas, a pessoa deve possuir qualidades peculiares e assumir funções específicas com suas características.

A enfermeira docente deverá possuir qualidade intelectuais, conhecimentos essenciais à educação em enfermagem, liderança e comunicação, qualificações físicas e psicológicas, onde utilize seus talentos de maneira efetiva com as contribuições de assistência à saúde. Os determinantes das qualificações intelectuais são faculdade de aprender e aplicar conhecimentos de competência técnica e científica.

A educadora deve ter sensibilidade e ser capaz de identificar e interpretar os problemas com clareza proporcionando à equipe oportunidade de participar nas decisões. Para que uma pessoa tenha uma vida afetiva e satisfatória como Docente numa instituição é importante que sua filosofia pessoal esteja em harmonia com a instituição. É importante que possua desejo de servir contribuindo para o bem estar da sociedade, respeito pela dignidade humana a despeito de cor, credo, raça e situação econômica ou social, tolerância e liderança.

Conforme FERRAZ (1989) et alii, o ensino superior de enfermagem no país não foi discutido por quase duas décadas, desde a implantação do atual currículo mínimo em 1972.

Considerando que o currículo não é um elemento estático e sim um processo inserido no contexto no qual está inserido e considerando as inegáveis modificações ocorridas no contexto sócio-econômico e político do

País durante os últimos quinze anos e as inúmeras inovações surgidas nas áreas técnico-científicas da saúde e didático-pedagógicas, as mudanças no mercado de trabalho e especialmente na lei que rege o exercício profissional, conclui-se que o atual currículo está inadequado à formação do enfermeiro.

Segundo FERRAZ (1989), a comissão de especialistas do ensino de enfermagem assumindo a responsabilidade de fazer algo em prol da melhoria do ensino, não vacilou em admitir que isto só seria possível através de um processo avaliativo que envolvesse docentes de enfermagem, enfermeiros assistenciais e alunos dos cursos de enfermagem, mesmo porque não faria sentido uma avaliação circunscrita no âmbito exclusivo das instituições de ensino.

3.4. Marco Conceitual das Escolas de Enfermagem e Cursos de Pós-Graduação em Enfermagem e Docência

Segundo, Ana Lígia Cumming e SILVA (1977), durante longos anos o ensino de enfermagem no Brasil, esteve ligado a entidades filantrópicas e assistenciais, onde cada década marca a transformação no ensino no país. Observa-se a influência do mercado de trabalho como uma variável constante na determinação destes marcos, embora note-se uma tendência reformista para atender aos Programas oficiais de cobertura. O ensino superior deve preparar o indivíduo para um compromisso social de mudanças no campo profissional.

A década de 80 foi marcada pela renovação ideológica e filosófica voltada para o status profissional, definição de papéis e busca de autonomia.

De acordo com PAIXÃO (1979), a tecnologia educacional constitui basicamente, um sistema operativo, ou seja, define formas de planejar, orientar e controlar o processo específico.

A tecnologia educacional emerge como conglomerado interdisciplinar que abrange, todos os aspectos da educação, desde um pequeno segmento da instrução até o sistema nacional. É segundo concepção do programa de mestrado em tecnologia educacional da Concordia Universit, essencialmente um enfoque de resolução de problemas na educação e uma maneira de pensar crítica e sistemática do ensino e da aprendizagem.

BRITO/outros (1996) avaliando Cursos de Pós-Graduação lato-sensu do Departamento de Enfermagem da UFRN destacam que os cursos de pós-graduação nas áreas assistenciais vem se destacando progressivamente, enquanto o de lato-sensu ainda deixa a desejar, onde a mesma alerta para os enfermeiros que desenvolvam mais trabalhos científicos deixando assim produção de documentos para levantamento de produção científica-acadêmica docente, pois faltam muitos referenciais das diferentes áreas no que tange a pesquisa na Enfermagem.

Por outro lado mesmo com as dificuldades do dia a dia os docentes também afirmam de ter havido mudança no seu desempenho profissional.

A autora recomenda que haja incentivo por parte dos docentes e discentes desde o início da formação. Tal positividade não significa a inexistência de problemas, mas ao contrário, aponta alguns aspectos a serem analisados e possam efetivamente contribuir para a melhoria do ensino a nível

de pós-graduação lato-sensu onde merecem destaque vários pontos: a necessidade de revisão da grade curricular; a deficiência de espaço físico; a escassez de material didático bibliográfico; a necessidade de formação de um maior corpo de professores/orientadores; a necessidade de maior envolvimento e compromisso por parte do corpo docente para pós-graduação.

Segundo INGRID (1996), tendo como tratar principalmente os objetivos do curso de pós-graduação em enfermagem, onde o curso objetiva formar professores em docência em enfermagem, capaz de: selecionar, adaptar e prover os meios para implantar e avaliar marcos teóricos e tecnológicos para assistência de enfermagem; críticos acerca das relações e atribuir individual e coletivamente para o fortalecimento da genética e ensino de enfermagem; selecionar, adaptar e avaliar marcos teóricos e tecnológicos para o ensino da enfermagem; aplicar conhecimentos do processo de pesquisa na elaboração e desenvolvimento de projetos ou outras modalidades de trabalhos científicos nas áreas de repetência e ensino de enfermagem; analisar criticamente resultados de pesquisa com a sua utilização na prática de enfermagem.

Segundo TYRRELL e outros (1993), tratando-se do programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Néry da UFRJ, vale considerar que, na fase anterior à implantação e implementação dos cursos de Pós-Graduação e Mestrado no Brasil, a enfermagem ressentia-se da falta de um corpo organizado de conhecimento ou pelo menos do apoio de um quadro referencial devidamente satisfatório e que pudesse servir de apoio as pesquisas e à elaboração de teses.

No início dos anos 80, ocorreram grandes modificações na vida política e social do país que favorecem a discussão e a crítica de todos os aspectos da vida brasileira. Daí essa década ter sido marcada por produção de trabalhos que analisam a aquisição científica e que indicam os cursos de Pós-Graduação, mudanças na enfermagem como professores de Saúde e inovações imperativas no ensino da pós-graduação no Brasil. É quando a partir dessa década a enfermagem passa a salvar-se frente à questão de identificar-se melhor como resposta as necessidades sociais.

A imprecisão no reconhecimento de objetivos práticos e sociais refletiu-se em certas inconsistências e em certa inconstância na prática profissional dos indivíduos e dos grupos de formação em nível de pós-graduação no país não chegando a produzir o impacto a uma época de profundas transformações sociais.

A Pós-Graduação em Enfermagem no Brasil

A primeira iniciativa de criação do Curso de pós-graduação coube a Escola de Enfermagem Raquel Haddock Lobo, que antes da década de 60. Já havia iniciado, e interrompido um curso de pedagogia e didática, destinado ao aperfeiçoamento de docentes em Enfermagem.

Segundo iniciativa coube a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1959 com o auxílio da Fundação Kellogg a qual tenho grande interesses na criação e no desenvolvimento do Curso de pós-graduação em Enfermagem serem dos países da América Latina, a fim de facilitar o cumprimento dos seus objetivos, relativos à concessão de bolsas de estudos

para enfermeiros na América Central e do Sul. Nem sempre as pessoas tenham conhecimentos no Inglês, daí torna-se impossível acompanhar o curso pela Fundação Kellogg, que tenha como objetivo o progresso do professor, visando a qualidade da assistência de saúde.

De 1959 a 1970 quando deixou de funcionar o curso de pós-graduação nesta Escola, onde cerca de 491 profissionais, entre eles 60 eram estrangeiros.

A Escola Ana Néri da Universidade Federal do Rio de Janeiro manteve Curso de pós-graduação em Pedagogia, Didática e em Administração Aplicada em Enfermagem a partir de 1964.

Para fazer face a uma imperiosa e urgente necessidade de qualificação dos Docentes envolvidos com os cursos de graduação em Enfermagem foi necessário, a partir de 1975 incentivar, com habilidade e uma modalidade de pós-graduação capaz de suprir as necessidades do corpo docente na enfermagem e que nos cursos dessem uma denominação de docente, para o exercício profissional.

Até 1980 já existia 31 cursos de pós-graduação lato sensu destinado no país. De modo que esses Cursos atendem a dois propósitos: modelar candidatos ao curso de mestrado e preparar intensivamente docentes para o ensino nos cursos de graduação. Mais recentemente vem os cursos de caráter de especialização a nível de assistência de enfermagem, quando somente só na década de 70 que a enfermagem passa a atuar no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e CAPES a nível de

consultoria, é na década de 80. Constitui-se como área nestes órgãos financiadores e coordenadores da pós-graduação.

A pós-graduação strito sensu Mestrado tem início em 1972 na Escola Ana Néri (UFRJ) que dá título de Mestre em Enfermagem nas quatro áreas: Administração em Enfermagem, Enfermagem Psicométrica, Enfermagem Pediátrica e Enfermagem Obstétrica.

Origem da Pós-Graduação, só em 1965 por solicitação do Ministro da Educação e Cultura. O Conselho Federal da Educação (CFE) emite em poucas sobre definição dos cursos de pós-graduação. Conselho de Educação in CARVALHO (1973). Neste parecer fez-se uma distinção entre pós-graduação lato sensu e strito sensu. A primeira compreendendo cursos de aperfeiçoamento e especialização, tem por meta o domínio científico e técnico de uma certa e limitada área do saber ou da profissão, para fornecer o profissional especializado, podendo ter caráter regular e permanente ou ser eventual.

A pós-graduação em enfermagem no Brasil tem como um ponto importante na história do ensino de enfermagem.

Em 1961, o Curso de Graduação em enfermagem passa a nível superior, exigindo das escolas maior capacitação do Corpo Docente. Entre 1975 a 1977 são implantados novos cursos, tais como Docentes em enfermagem, para atender as necessidades das desejadas Escolas de enfermagem.

Produção Científica da Enfermagem

ASSIS et alii (1993), observaram um aumento considerável na produção científica das enfermeiras a partir de 1988, havendo predominância de artigos científicos e área temática assistencial, assim com a divulgação através de eventos nacionais.

Dentre os marcos históricos de referência, e que mais trouxe repercussões efetivas para o desenvolvimento da produção científica, foi o ingresso da enfermagem no sistema nacional de pós-graduação com a criação dos primeiros cursos de mestrado em Enfermagem.

A maior concentração desses cursos está, até hoje, localizada na região Sudeste, mais especificamente, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

A partir da década de 80, com o início da abertura política instalada na América Latina e no Brasil, ocorrem discussões ampliadas sobre as diversas tendências de pensamento expressas na pesquisa de Enfermagem. Nesse sentido, a produção científica de enfermagem torna-se objetivo de estudo de várias enfermeiras que analisaram sob diferentes perspectivas. Podemos citar VIEIRA (1980), que a estuda no Brasil, no período de 60 a 70, verificando haver um evidente crescimento da mesma, principalmente, a partir da 2ª metade da década de 60; o de ALMEIDA et alii, que analisa a produção do conhecimento em enfermagem ligada à pós-graduação, classificando as linhas de pesquisa nela privilegiadas.

Segundo LEVIN JOACK (1987), parte do princípio que o uso da estatística aplicada a ciências humanas e a outros dá-se de acordo com a sua necessidade na aplicação, individual ou crítica, onde todos nós temos um pouco de cientista. Quase que diariamente temos “palpite” com relação a acontecimentos futuros em nossas vidas, afim de prever o que acontecerá em novas situações ou experiências. A medida que essas situações ocorrem podemos afirmar ou sustentar nossas idéias; e outras vezes não temos tanta sorte, aí acabamos experimentando conseqüências desagradáveis. Daí o cientista tem idéias sobre a natureza da realidade, onde ele denomina hipóteses, e através de um bom planejamento executa a pesquisa.

Segundo POLET F. DENISE e outros (1996), já demonstram uma preocupação com o delineamento da pesquisa em Enfermagem, que aos poucos vêm se destacando em alguns temas de interesses para o desenvolvimento no campo profissional de acordo com os objetivos desejados. No caso da pesquisa não-experimental, isso se dá especialmente no caso dos estudos descritivos e naqueles que possuem uma orientação fenomenológica, onde os estudos buscam apreender o que as pessoas pensam e sentem, e a forma como eles agem em seus ambientes naturais. Para os autores existem quatro situações em que seria apropriado o delineamento em estudo de pesquisa.

Segundo RUDIO (1996), a definição dos termos que, na verdade, é tão útil e importante para a elaboração do projeto, como é para a execução da própria pesquisa, e tão imprescindível para o indivíduo produzir os seus próprios pensamentos como para comunicar os resultados a que teve chegado. Isso ocorre por experiências externas ou internas, na qual deixa em nós um

sinal que aconteceu, denominado idéia ou conceito onde esses termos indicam forma de pensamento e conhecimento que ficam representados em nossa mente.

Conforme BASTOS (1995) é necessário o embasamento teórico/conceitual para buscar o significado dos fenômenos e relações observadas, explicar e compreender os aspectos da realidade em estudo, permitindo sua interpretação. A teoria não é um modelo ao qual a realidade, deve adaptar-se. É a realidade que aperfeiçoa a teoria, muitas vezes exigindo reformulações fundamentais ou mesmo invalidando. Entretanto, a teoria deve orientar a pesquisa seus resultados devem incorporar-se a teoria ou ser analisadas à luz delas.

Segundo BERNADETT (1996), a teoria serve para reunir sistematicamente o que já se sabe sobre objetivo de estrutura, através das generalizações empíricas e entre inter-relações entre afirmações comprovadas.

Desde que se conclui o desenvolvimento da ciência pode ser considerado como uma constante entre teoria e fato, desde que verificamos as diferentes formas pelas quais a teoria desempenha um papel ativo na explicação dos fatos resta-nos verificar de que maneira os fatos podem exercer funções significativas na construção e desenvolvimento da teoria.

Os Saberes Populares e as Suas Relações com o Saber e a Pesquisa em Enfermagem

GAUTHIER e CABRAL (1995), ressaltam sobre os aspectos filosóficos, lingüísticos e metodológicos que envolvem a produção do conhecimento em enfermagem e sua desarticulação com o saber popular construído historicamente, científico pretensamente “neutro”, e hierarquizado num movimento dialética repleto de contradições.

Sabemos desde FOUCALT, que os saberes acadêmicos na área da saúde não são neutros, puros, mas sim produzidos por instituições que tem por objetivos identificâr, controlar e educar de acordo com outros objetivos dos poderes dominantes na sociedade.

Na enfermagem em particular, REZENDE considera que o descompromisso social dos aparelhos formadores de pessoal, face aos problemas de saúde da comunidade, é gerado pela postura de neutralidade de seu discurso, o que tem distanciado a teoria da prática. A origem dessa dicotomia, segundo CABRAL e SILVA, surge a partir do momento em que a enfermagem ao ser reconhecida como profissão científica, se alia ao pensamento dominante que orienta o ensino e o modo novo de se praticar a enfermagem.

Segundo LUÍS (1993), numa amostra da produção científica da região Sudeste do Brasil no período de 1987-1991, no que concerne à produção científica do Estado do Rio de Janeiro, notou-se que nas escolas e departamentos de Enfermagem de Instituições de ensino houve pequena

produção. No que se refere ao processo da pesquisa científica na Enfermagem, demonstrou-se um ligeiro aumento entre os anos de 90 a 91, no qual as categorias “Enfermagem” e “Enfermagem no Hospital” continuam predominando. Isso acarreta o desestímulo do enfermeiro docente ou assistencial que vem encontrando dificuldades para a publicação de seu conhecimento nesse veículo de divulgação.

Verificou-se também a participação crescente de enfermeiros assistenciais, particularmente de instituições hospitalares, divulgando seus trabalhos em eventos científicos e em publicações da área de Saúde, neste período.

Na literatura de enfermagem já existem poucos modelos de categorização da produção científica conforme área temática, tem-se que mencionar ainda, a classificação por área do conhecimento elaborado pelos organismos financiadores de recursos para pesquisa.

Vale ressaltar que, atualmente, a diversidade de temáticas estudadas pelos pesquisadores enfermeiros, vem dificultando imensamente a tarefa de categorizar os trabalhos segundo os temas em estudos. Para explicar essa variedade nas pesquisas de enfermagem desenvolvidas no Brasil, há o predomínio da iniciativa individual, uma vez que a pesquisa, conduzida por grupo de pesquisadores, é uma alternativa incipiente no nosso país.

Com isso, as classificações disponíveis estão sendo insuficientes para contemplar a recente produção científica de enfermagem, uma vez que as

aglutinações feitas sob o referencial existente, mostram variações temáticas, não tendendo a convergências.

Esse empecilho pode ser, efetivamente, constatado na elaboração do presente estudo, pois na tentativa de classificação dos trabalhos, verificou-se que as categorias que habitualmente vinham sendo utilizadas em outros estudos, eram insuficientes para incluir variedade de temas inerentes às investigações.

Educação e ensino em enfermagem inclui estudos sobre experiências relacionadas ao ensino e a educação em saúde de forma geral, formação de recursos humanos nos vários níveis (médio e pós-graduação), considerações sobre disciplinas, reflexões sobre currículo (implantações, alterações, sugestões e avaliação); estratégias de ensino, avaliação do processo ensino-aprendizagem, levantamento de necessidades e expectativas do aluno.

Teoria Crítica da Educação em Enfermagem

Segundo SILVA (1996), vivenciando valores e princípios, todos paramos para refletir: “é preciso mudanças para melhor, começando pelo próprio íntimo”.

A criatividade e conhecimento crítico, a crença nos potenciais individuais e o trabalho impulsionam a busca da transformação social para a qual não há fórmulas. Novas metodologias pedagógicas estão sendo testadas e inovando o currículo da graduação e pós-graduação da UERJ.

A democratização do saber começa na própria escola, entre o professor e o aluno. A interdisciplinaridade é estratégia preliminar. Estamos exercitando.

O referencial da Teoria Crítica da Educação tem orientado nossos estudos no currículo novo. Buscamos explicações entre estas para o fenômeno da exclusão social - dos grupos sociais excluídos da cidadania e dos benefícios do desenvolvimento - pois melhor conhecimento de nossa realidade educacional visando soluções.

Dos novos desafios surgem de mudanças no cenário sócio-político econômico e educacional, entretanto, somos sujeito da história.

Construímos a nova história ao defendermos, principalmente, a liberdade, a justiça, a igualdade, a diversidade, a solidariedade e a participação. E o exercício da cidadania, defendido com tenacidade em julgar pela enfermeira e Mestre, atual Sub-Reitora de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Para PIRES (1996), construir um novo saber de enfermagem é um dos nossos desafios para a virada do século. Representa uma aproximação na complexidade dos debates contemporâneos da filosofia da ciência para a enfermagem. Realizar tarefas é executar determinações políticas de saúde. A última década deste século tem sido apontado por cientistas, pesquisadores e estudiosos como um período de grandes transformações e mudanças em curso no campo da ciência, da tecnologia, da economia, do processo de trabalho e da política de educação e saúde.

Segundo SILVA (1994), a legislação constitucional é afetada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Quanto a esse elemento vale ainda acrescentar o grau de avaliação de envolvimento de administradores de Saúde, no que se refere ao gerenciamento, de não querer conquistar as metas na qualificação dos profissionais de enfermagem. Mesmo reconhecendo a importância das classes de enfermagem, tanto no nível assistencial como educacional.

No ensino até atualidade não se evidencia uma política de impacto no planejamento e desenvolvimento de pessoal, com estratégias relacionadas as necessidades educacionais, e bem menor com relação da assistência. Onde o problema ensino-aprendizagem continua distanciado nos interesses políticos. Daí as crises do Sistema de Saúde do país de forma alienada e servindo de interesses e não das necessidades de enfermagem novo desenvolvimento do desempenho técnico e científico da classe.

Segundo WALANAPE (1993), no Brasil, são poucos os registros sobre critérios de seleção de docentes existentes nas escolas de graduação em Enfermagem e, de igual modo, há escassez de dados registrados sobre a avaliação dos docentes em atuação. Pois os enfermeiros eram avaliados para lecionar devido a sua experiência profissional. A busca de uma adequada resposta a esta preocupação, poderá contribuir para que as instituições de ensino tenham um corpo docente altamente qualificado no campo da enfermagem.

Na semana de Debate Científico da UNI-RIO (1996) foi apresentado um estudo comparativo entre os discursos dos enfermeiros e as proposições apresentadas no tocante à Política e Saúde na área de Recursos Humanos,

tendo como objetivo aprofundar o conhecimento desta política no setor saúde priorizando a área de Enfermagem. Dentre os resultados obtidos foram destacados: a necessidade de ampliar e melhorar a qualidade de assistência prestada por meio da reformulação dos currículos, incentivo à pesquisa, melhores condições de trabalho e criação de plano de cargos e salários.

Conclui-se que o discurso dos enfermeiros estão em consonância com as decisões da Política de Saúde quanto ao desenvolvimento dos seus recursos humanos no que se refere ao planejamento e gerenciamento de enfermagem.

Para BLAKE (1980), a educação anda constantemente em marcha e proporciona novas percepções e habilidades. Abre possibilidades e estimula novos anseios por algo melhor que o existente. Os padrões da educação avançada valorizam a execução das coisas da melhor forma, dando continuidade ao aperfeiçoamento do sistema com base no mérito e recompensa do comprometimento de um bom relacionamento, aberto, comunicativo e solucionador dos problemas.

Na Semana do Debates Científicos da UNI-RIO, realizada de 16 a 20 de setembro de 1996, foi levantada a questão de que os enfermeiros, em sua grande maioria, iniciavam suas atividades profissionais no magistério de nível médio, devido ao fato de este setor absorver mais facilmente os recém-formados sem experiência e sem formação pedagógica. Também, o mercado de trabalho foi citado como motivo que leva os enfermeiros a optarem pelo magistério de nível médio.

IV. METODOLOGIA

Este estudo visa pesquisa a presença de determinados fenômenos na formação dos enfermeiros, com o objetivo de compreender melhor as características dos fatos, como acontecem na prática do dia-a-dia, da enfermagem na atuação do magistério. Tratando-se de uma pesquisa descritiva que tem interesses em observar e descobrir os fenômenos dos enfermeiros docentes, diante dos paradigmas, no que se refere a dogmatização à desdogmatização. Utilizando os princípios pela lógica de indução dos fatos, como também a dedução dos princípios necessários da ciência, quando se pretende contribuir de forma dinâmica, um modelo condizente com a evolução na transformação da enfermagem no século XXI. Onde a autora contribui no processo das idéias, palavras, pensamentos ou sentimentos.

Como instrumentos de coleta de dados será utilizado um questionário composto por oito itens, os quais deverão ser preenchidos por enfermeiros da rede pública atuando nos hospitais da Lagoa e Servidores do Estado no Rio de Janeiro. O questionário será respondido individualmente, sem indução ou interferência da autora, podendo em alguns casos, ser marcada mais de uma alternativa com a devida justificativa.

Essa pesquisa tem grande significado para a autora no campo profissional, quando ainda se confronta nos cursos, escolas e faculdades de enfermagem, profissionais não qualificados atuando nas salas de aula e no campo de estágios nos hospitais e centros de saúde, sem nenhuma formação de docência em enfermagem. Dai a preocupação da autora em fazer esse

levantamento com os questionamentos da classe, em busca de enobrecer e valorizar a enfermagem para atuação da docência.

De acordo com levantamento "in loco", o Hospital da Lagoa possui 130 enfermeiros e o Hospital dos Servidores do Estado possui 110 enfermeiros.

Utilizamos uma amostragem de 50%, onde a seleção será feita mediante a relação alfabética dos enfermeiros dos referidos hospitais, sendo a eles atribuídos números em ordem crescente e selecionando-se enfermeiros que receberem números pares.

O período de coleta dos dados ocorrerá entre os dias 20 de dezembro de 1998 e 10 de fevereiro de 1999.

Os resultados dos dados obtidos mais significativos serão expressos em tabelas.

V. RESULTADOS

São apresentados nessa seção, os resultados referentes as variáveis independentes escolhidas após a aplicação dos questionários nos dois hospitais do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro com 120 (cento e vinte) enfermeiros.

⇒ Na questão referente ao Enfermeiro e o Magistério-Da Dogmatização à Desdogmatização dos Paradigmas, verificou-se sobre a “faixa etária” que 54 (45,00%) apresentaram idades entre 41 a 50 anos e 35 (29,16%), apresentaram entre 31 a 40 anos. Observamos assim que houve uma diferença de 16,84%. Ver anexos - Tabela 01.

⇒ No questionário aplicado em relação: quanto ao tempo você tem de formado? 74 (61,67%) apresentaram de 10 anos ou acima, e 19 (15,84%) apresentaram de 7 a 9 anos, onde observou-se uma diferença de 22,49%. Ver anexos - Tabela 02.

⇒ Com a aplicação do questionário, verificou-se com relação ao “Você possui algum curso de formação docente? Caso atue, responda qual? Observou-se que 18 (15%) responderam que atuam a nível de Licenciatura e 9 (7,5%) a nível de Mestrado. Houve assim uma diferença de 74,5. Ver anexos - Tabela 03.

⇒ Realizou o questionário para verificar se “Você atua na função docente? Em que nível? 15(12,5%) responderam que atuam a nível de Segundo Grau e 8 (6,7%) atuam a nível de Mestrado, onde observou-se que a diferença é de 80,8%. Ver anexos - Tabela 04.

⇒ Com relação a aplicação do questionário em “Caso atue, há quanto tempo?” Constatou-se 10 (8,34%) atuam entre 5 a 9 anos e 8 (6,67%) atuam de 0 a 4 anos, onde houve uma diferença de 84,9%. Ver anexos - Tabela 05.

⇒ Na aplicação do item “Indique em que tipo de Instituição você trabalha”, 14 (11,7%) responderam Instituições Privadas e 9 (7,5%) responderam em Instituições Governamentais, na qual constatou-se que houve uma diferença de 80,8%. Ver anexos - Tabela 06.

⇒ No item “Quais foram as tendências e correntes teóricas predominantes na sua formação? Descreva.” Usou-se o questionário para verificar que 70 (58,34%) responderam tradicional e conservadora e 50 (41,7%) responderam que estão partindo para uma tendência moderna. Observou-se que não houve diferença, é de 100% na distribuição entre as duas questões. Ver anexos - Tabela 07.

⇒ Em relação ao questionário aplicado, no item “Você considera que o campo profissional de enfermagem subsidia o processo de construção da cidadania no que se refere as informações necessárias à prevenção das doenças? Descreva.”, 120 (100%) responderam que sim e tem grande contribuição profissional. Ver anexos - Tabela 08.

VI. CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Após a elaboração do trabalho, a autora conclui que os objetivos propostos foram atingidos, a partir do momento em que se conseguiu avaliar “O Enfermeiro e o Magistério, da Dogmatização a Desdogmatização dos Paradigmas”. O que houve foi uma boa oportunidade de ser realizado, com 120 (cento e vinte) enfermeiros consultados em 2 (dois) Hospitais da Rede Pública do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro.

Verificou-se que, a questão proposta pela autora foi comprovada, pois constatou-se através de dados obtidos dos enfermeiros consultados, apresentaram números significativos, proposta da relação existente entre os Paradigmas da Ciência Moderna e a Formação do Enfermeiro no contexto social da sociedade brasileira, quando serão descritos os dados mais significativos, destacando-se de cada tabela, seguindo uma ordem sequencial de forma lógica, onde haverá uma boa leitura de fácil compreensão dos resultados da proposta temática em questão.

Observamos que, na faixa etária houve a predominância entre 41 a 50 anos e os de 10 anos ou acima de formados; com relação à formação de professor, 18 com Licenciatura Plena e 09 com Mestrado; enquanto apenas 15 dos 18 atuam a nível de cursos técnicos (segundo grau) de enfermagem e dos 09 apenas 8 atuam a nível de terceiro grau nos cursos de enfermagem; e que estão entre 5 e 9 anos no exercício do magistério, onde 14 estão atuando em instituições privadas e 9 em instituições governamentais. 70 dos enfermeiros entrevistados responderam que em suas correntes predominavam as tendências tradicionais e conservadoras, enquanto 50 responderam que já existiam

movimentos com novas tendências filosóficas, voltadas para uma enfermagem moderna, acompanhando as transformações tecnológicas das ciências, e quanto construção para um processo de cidadania no que tange os conhecimentos necessários à prevenção das doenças. Verificamos que os 120 enfermeiros responderam que a cidadania tem grande contribuição para o campo profissional da enfermagem incluindo com as outras ciências, formando assim, a multidisciplinaridade, como mais um desafio. Daí, surgem as mudanças no cenário sócio-político-educacional, entretanto, somos sujeitos da história, visando soluções.

O que observa-se, também, com esses enfermeiros consultados é que mesmo não tendo interesses e vocação para o magistério, acham de suma importância e relevância esses enfermeiros que buscam o magistério com a finalidade de melhorar a qualidade dos conhecimentos técnicos e científicos em prol de uma outra alternativa, que nos oferece para o magistério., pois o que falta para um maior crescimento e o tão discutido “discurso”, para uma divulgação da classe enquanto professor de enfermagem, porque só assim poderá haver um reconhecimento e conseqüentemente o respeito ético e moral.

Uma outra questão vivenciada na enfermagem na entrevista é que eles lamentam de que os cursos de formação não despertem os alunos quanto a importância do magistério. Quando o que existe na prática são os cursos de especialização a nível assistencial, onde a literatura já mostra através das pesquisas essa diferenciação de classe. Com maior número de enfermeiros assistenciais é menor número de professores de enfermagem.

Assim sendo, a autora recomenda e sugere que as instituições de ensino de enfermagem promovam estratégias, enfocando o interesse dos alunos graduados em enfermagem quanto a importância na atuação do magistério. Que os mesmos tracem planos com metas, visando os enfermeiros que não dispõem de tempo para buscar cursos de formação para professor, como por exemplo, criando o horário noturno; que procurem parcerias com as instituições de pesquisas oferecendo ou promovendo bolsas de estudos a nível de pós-graduação para os cursos de enfermagem.

Que os educadores tenham sensibilidade técnica e política fazendo assim uma reflexão da filosofia na educação em prol de colaborar para que essa visão seja construída durante o processo de formação, pois a educação anda constantemente em marcha e proporciona novas percepções, habilidades e estímulos, além de novos anseios por algo melhor que o existente. Que esses educadores tenham privilégios na busca dos cursos com resistências nos diversos setores da educação em enfermagem, para participarem do controle de qualidade desses profissionais no processo educativo na formação pedagógica, pois será um novo professor que irá dar consciência e sentido de popularização da educação, que torne eficiente a cultura técnico-científica na universidade e a transformação para induzir as escolas de pós-graduação para formação dos cientistas e a formação do magistério.

Enfim, que a prática do ensino de enfermagem tenha como contribuição as discussões nos congressos estaduais, fazendo com que se repense a mesma, no sentido de produzir/reproduzir um saber dirigido, diferentes produtores, sobre as condições de vida do homem na assistência e educação.

VII. BIBLIOGRAFIA

APPLE M. Educação e Poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ARNDT, Huckabay. Administração em Enfermagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1988.

ASSIS, Marluce M. Araujo et alii. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto (SP), v. 1, dez/1993.

BASS, Bernard M. Aughan. A aprendizagem e treinamento na indústria. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1979.

BASTOS, Lilia da Rocha et alii. Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1995.

BLAKE, Robert R. Monton. Onlato Gride Gerencial. 10ª ed. São Paulo: Pioneira, 1990.

BOOG, Gustavo G. Manual de treinamento e desenvolvimento da ABTO. 2ª ed. São Paulo: Makron Books do Brasil/McGraw-Hill, 1994.

BRITO, Rosane Santana de. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, v. 48, nº 1, janeiro a março de 1995.

BUFFA, Ester Arroyo, NASELLA, Paolo. Educação e Cidadania. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

CALDAS, Nalva Pereira. Evolução histórica da enfermagem. Revista Científica, Rio de Janeiro: Ed. Lacon, a.1, nº 6, 1991.

CARVALHO, A. Epistemologia das ciências da educação. Porto Afrantamento, 1996.

CHRISTÓFARO, M. Auxiliadora Cordova. Congresso Brasileiro de Enfermagem da ABEV, de 11 a 16 de outubro de 1996. Anais. Natal (RN): UFRN, 1996.

CONGRESSO Brasileiro de Enfermagem, 31, Anais. Fortaleza (CE): Ed. ABEV, 11 de agosto de 1979.

CONGRESSO Panamericano de Enfermagem, 7. O ensino de pós-graduação em enfermagem no Brasil. In: Congresso Argentino de Enfermagem, 8 a 13 de maio de 1988. Buenos Aires-Argentina: São Paulo: Cortez, 1988.

COUTINHO, José Maria. Fazer educação comparada: função de todos os educadores. In: Universo Pedagógico. Vitória: UFES, ano II, nº 2, p. 7-15, março 1998.

DUGAS, Beverly Welter. Enfermagem Prática. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1984.

- ELSEN, Ingrid. Revista de Enfermagem do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, v. 2, 1994.
- FERRAZ, Neide M. Freire. Revista de Enfermagem da ABEV. Seminário sobre Ensino de Enfermagem. Rio de Janeiro: MEC, 1989.
- FINER, Herman. Administração e serviço de enfermagem. 4ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1978.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 32ª ed., São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. Pedagogia da autonomia. 7ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREITAG, Barbara E. Estado e sociedade. 6ª ed., São Paulo: Maleus, 1996.
- FREITAS, Fávero, Scatina. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto (SP), v. 1, 1993.
- FRIEDLENDER, Maria Romena. Revista de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 18, 1984.
- GAUTHIER, Cabral. Saberes Populares. Revista de Enfermagem da UERJ. Rio de Janeiro: Ed. Cultura Médica, v. 3, nº 1, 1996.

GEOGEM, Pedro L. Educação comparada: uma disciplina atual ou absoluta?
Artigo, v. 2, nº 3, 1991.

GIL, Carlos Antonio. Metodologia do ensino superior. 2ª ed., São Paulo: Ed.
Atlas, 1994.

GIROUX, H. Os professores como intelectuais. Porto Alegre: Artes Médicas,
1997.

GOMES, Dais L. Steogoll. Revista Interamericana de Enfermagem. Rio de
Janeiro, v. 3, nº 1, 1995.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1986.

HOFFMANN, Jussara M. Lerch. Avaliação mediadora: uma prática em
construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação e
Realidade, 1993.

JORNADA CIENTÍFICA - PRONTOCOR, 4, Rio de Janeiro, 24 a 29 de
outubro de 1996.

JUCIUS, Michael James. Administração de Pessoal. 3ª ed. São Paulo:
Saraiva, 1988.

- KESTEMBERG, Célia C. R. Vivendo vivências: uma alternativa do ensino de enfermagem. Revista de Enfermagem da UERJ. Rio de Janeiro: Ed. Cultura Médica, v. 3, nº 1, 1995.
- KURCGANT et alii. Administração em enfermagem. 2ª ed., São Paulo: Ed. Pedag. Universitária-EPU, 1995. Reimp.
- LAKATOS, Eva M. Et alii. Fundamentos de metodologia. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- LEAVELL, Hugh; CLARK, R.M. Medicina preventiva I. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1988.
- LEVIN, Joack. Estatística Aplicada as Ciências Humanas. 2ª ed., São Paulo: Harbra, 1987.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Coleção Série Magistério 2º Grau, Formação de Professor. São Paulo: Cortez - ABOR, 11ª reimp., 1994.
- LUIZ, Margarita A. V. Revista Latino-Americana. V. 1, Escola de Engenharia de Ribeirão Preto, SP, dez/1993.
- MATANABE, Estelita. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília-DF: ABEV, mar/1993.
- MELLO, Guiomar M. Cidadania e competitividade. Desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 5ª ed., 1996.

- PAIM, L. Et alii. Inovações no ensino superior de enfermagem. In: Encontro Congresso Brasileiro de Enfermagem da ABEV. Belém-PA, 1978. Anais. Fortaleza-CE, 1979.
- PAIXÃO, Sérvula de Souza. Congresso Brasileiro de Enfermagem da ABEV, 31, Fortaleza-CE, 5 a 11 de agosto de 1997. Brasília: MEC, 1997.
- PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: Olympio-UNESCO, 1973.
- PIRES, Denise. Congresso Brasileiro de Enfermagem, 42. Revista ABEV, Natal-RN, 11 a 16 de outubro de 1996.
- POLIT, Denise F.; HEEGLER, Bernadete P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 3ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. LDB. Lei nº 9394/96. Brasília-DF, dez/1996.
- _____. A universidade necessária. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- RUDIO, Franz Victor. Introdução do projeto de pesquisa científica. 20ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- SANTOS, Boaventura S. Um discurso sobre as ciências. Lisboa: Afrontamento., 7ª ed., 1995.

- SAVIANI, Demerval. Escola e democracia. 30^a ed., São Paulo: Ed. Autores Associado, 1996.
- SEMANA de Debates Científicos da UNI-RIO, 10, Rio de Janeiro de 16 a 20 de setembro de 1996. Revista Científica de Enfermagem. Rio de Janeiro: Ed. ABEV - Departamento de Pesquisa, 1996.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação ideológica e contra-ideológica. São Paulo: EPU, p. xiv e xv, 1989.
- SILVA, Maria Julia Pais. Comunicação tem remédio. São Paulo: Ed. Gente, 1996.
- SILVA, Maria Therezinha Nóbrega. Congresso Brasileiro de Enfermagem, 45. Recife-PE, 1994. Anais. Recife: UFPE, 1994.
- SILVA, Nóbrega da. Revista de Enfermagem da UERJ. Rio de Janeiro, v. 4, n^o 1, maio/1996.
- SIQUEIRA, Moema M. Et alii. Revista Latino-Americana, v. 3. Enfermagem Universitária de Ribeirão Preto, São Paulo, 1995.
- SOUZA, Elvira de Felece. Novo manual de enfermagem. Rio de Janeiro: Ed. Cultura Médica, 1988.
- TAMARIT, José. Educador - o soberano. Crítica ao iluminismo pedagógico de ontem e de hoje. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. 5ª ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

TYRRELL, Maria Antonieta Rubio. Revista Brasileira de Enfermagem. Congresso de Enfermagem, 44, Brasília-DF, 05 a 09 de outubro de 1993. Brasília: Ed. ABEV, 1993.

VILLAR, Luiz Margarita A. Revista Latino-Americana. São Paulo: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, v. 1, dez/1993.

WALDOM, Vera Regina e Lopes et alii. Maneira de cuidar, maneira de ensinar. A enfermagem entre a escola prática profissional. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995.

ZAIA, Brandão (org.) A crise dos paradigmas e a educação. Coleção Questão da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1994.

ANEXOS

4. Você atua na função Docente? Em qual nível?

3^o grau

2^o grau

5. Caso atue, há quanto tempo?

0 a 4 anos

5 a 9 anos

10 anos ou acima

6. Indique em que tipo de instituição você atua?

governamental

privada

7. Quais foram as tendências e correntes teóricas predominantes na sua formação?

Descreva.

8. Você considera que o campo profissional da enfermagem subsidia o processo de construção da cidadania no que se refere as informações necessárias à prevenção das doenças? Descreva.

TABELAS

DISTRIBUIÇÃO DAS DIFERENTES APRESENTAÇÕES DOS DADOS OBTIDOS NOS QUESTIONÁRIOS COM OS ENFERMEIROS DO HOSPITAL DA LAGOA E SERVIDORES DO ESTADO, NO RIO DE JANEIRO DE 20 DE DEZEMBRO DE 1998 A 10 DE FEVEREIRO DE 1999.

TABELA 1

FAIXA ETÁRIA	N	%
a () 21 a 30 anos	15	12,50
b () 31 a 40 anos	35	29,16
c () 41 a 50 anos	54	45,00
d () acima de 50 anos	16	13,34
TOTAL	120	100

TABELA 2

QUANTO TEMPO VOCÊ TEM DE FORMADO?	N	%
a () de 1 a 3 anos	9	7,50
b () de 4 a 6 anos	18	15,00
c () de 7 a 9 anos	19	15,84
d () 10 anos ou acima	74	61,66
TOTAL	120	100

TABELA 3

VOCÊ POSSUI ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO DOCENTE? CASO POSSUA, RESPONDA QUAL?	N	%
a () Licenciatura	18	15,00
b () Docência Superior	4	3,40
c () Mestrado	9	7,50
d () Doutorado	1	0,84
TOTAL	120	100

TABELA 4

VOCÊ ATUA NA FUNÇÃO DOCENTE? EM QUAL NÍVEL?	N	%
a () Sim	8	6,66
b () Não	15	12,50
TOTAL	120	100

TABELA 5

CASO ATUE, HÁ QUANTO TEMPO?	N	%
a () 0 a 4 anos	8	6,66
b () 5 a 9 anos	10	8,33
c () 10 anos ou acima	5	4,16
TOTAL	120	100

TABELA 6

INDIQUE EM QUE TIPO DE INSTITUIÇÃO VOCÊ ATUA?	N	%
a () Governamental	9	7,50
b () Privada	14	11,66
TOTAL	120	100

TABELA 7

QUAIS FORAM AS TENDÊNCIAS E CORRENTES TEÓRICAS PREDOMINANTES NA SUA FORMAÇÃO? DESCREVA	N	%
a () tradicional e conservadora	70	58,34
b () partindo para uma tendência moderna	50	41,66
TOTAL	120	100

TABELA 8

VOCÊ CONSIDERA QUE O CAMPO PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM SUBSIDIA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA NO QUE SE REFERE AS INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS À PREVENÇÃO DAS DOENÇAS? DESCREVA.	N	%
Que tem grande contribuição profissional no exercício, enquanto cidadãos brasileiros	120	100
TOTAL	120	100



UNIRIO

Universidade do Rio de Janeiro

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS
AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

PARCELA FINAL DO ORIENTADOR

Assunto: Monografia de Mestrado em Letras
Título da Monografia: Aspectos da linguagem poética em "Os Sertões"
Autor: Alcides de Oliveira

Parágrafo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar os aspectos da linguagem poética em "Os Sertões" de Euclides da Cunha, considerando a estrutura formal e o conteúdo ideológico da obra. O autor demonstra uma excelente capacidade de análise crítica e de organização do texto, apresentando argumentos sólidos e bem fundamentados. A metodologia utilizada é adequada e os resultados alcançados são satisfatórios. Recomenda-se a aprovação da monografia e a defesa da tese.

[Assinatura]

Prof. Dr. Alcides de Oliveira

Assessor de Orientação



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO - PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS
AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

Título da Monografia: "O Enfermeiro e o Magistério: da
dogmatização à desdogmatização dos paradigmas"

Pós-Graduando: Maria Camello de Saiva

Parecer:

O presente trabalho articula as questões vinculadas ao ensino de enfermagem no Brasil com as diferentes práticas pedagógicas que manifestaram-se no contexto da história da educação, analisando as contradições e tensões produzidas no interior da formação social brasileira.

Neste sentido, o trabalho está muito bem fundamentado e eu atribuo a nota máxima 10,0 (dez) ou o conceito excelente.

Adilson Florentino da Silva

Data: 29 de abril de 1989

Orientador: Adilson Florentino da Silva